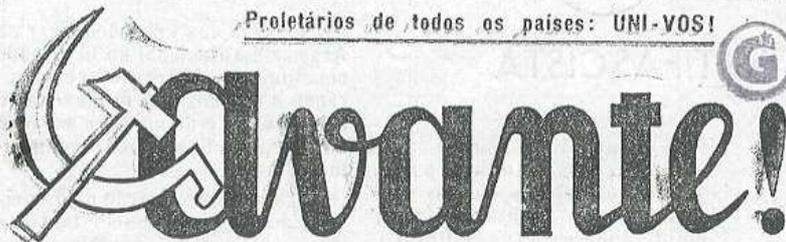


Proletários de todos os países: UNI-VOS!



Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS!

DOCUMENTOS DO CC DO PCP

Na 5ª pág. documentos aprovados na reunião de Maio de 1972:

- Apelo do C.C. do PCP.
- Saudações ao PT do Vietnam, à FNL do Vietnam do Sul e aos camaradas presos.



CONSOLIDAR E ALARGAR A UNIDADE ANTIFASCISTA!

No documento «tarefas fundamentais da situação política actual» («Avante!», n.º 443) estão contidas as principais conclusões políticas do debate travado na reunião do C.C. do nosso Partido, realizada em Maio de 1972.

O documento caracteriza os grandes traços da situação política internacional e as suas repercussões na situação portuguesa, analisa a evolução da política do fascismo e os seus reflexos nos principais sectores da vida nacional, aprecia a luta popular nas diferentes frentes em que ela se desenvolve, indica as direcções fundamentais de actividade para cada uma dessas frentes, define as grandes tarefas imediatas, que se colocam ao movimento antifascista, aponta as perspectivas da luta revolucionária.

Assinalando que já depois da ofensiva repressiva de 1971 teve lugar uma muito ampla movimentação de massas, com especial relevo para a luta reivindicativa e a actuação sindical dos trabalhadores, destacando as características novas de que se reveste esta movimentação, o C.C. concluiu que: «Estão criadas as condições fundamentais para a acentuação do fluxo da luta popular.»

Clarificar objectivos, reforçar a organização!

Uma das condições para a concretização deste novo fluxo reside no reforço, alargamento e dinamização do movimento democrático.

O desenvolvimento da luta antifascista pressupõe a obrigatoriedade de se aproveitarem, persistente e hábilmente, todas as possibilidades legais e semi-legais de esclarecimento, acção, reunião e organização políticas, fortalecendo desta forma a ligação da vanguarda revolucionária com as massas, fazendo reverter para o plano político o descontenta-

mento popular e as forças desperdadas pela luta noutras frentes.

Convém, no entanto, precisar, como faz o C.C., que, para que o movimento antifascista possa avançar na sua perspectiva revolucionária, as estruturas legais e semi-legais não bastam, é urgente pôr de pé enlaces e outras formas clandestinas de trabalho e cooperação. «A cooperação regular e responsável entre os vários sectores políticos numa base bilateral e multifaral é complemento indispensável das formas de cooperação legais e semi-legais estabelecidas numa base unitária sem explicitação dos sectores políticos dos participantes».

A reanimação das estruturas democráticas legais e semi-legais, nos distritos mais importantes, é um dos factores positivos da presente situação. Na maioria dos casos essa reanimação carece, porém, de ser consolidada.

O C.C. assinala a necessidade

de fazer frente, quer às tendências que se manifestam em ideias de desviar o movimento para actividades «para-públicas», culturais e socio-profissionais, o que objectivamente conduziria à sua liquidação, quer às ideias de «ilegalização» voluntária assente na radicalização e violência da linguagem, mas sem nada acrescentar ao esclarecimento dos problemas. Uma e outras têm em comum a descrença nas possibilidades de acção política legal e semi-legal e a falta de confiança

nas massas.

O C.C. adverte para a necessidade de «grande vigilância em relação aos que, discordando do próprio movimento, procuram fazer parte das suas estruturas para conduzir um trabalho de sapa e divisão.»

O C.C. aponta como particularmente perigosas «as tendências para «reconversões» do movimento democrático em «novos moldes» de forma a abranger os dissidentes do regime e certas manobras à margem» (cont. na 2ª pág.)

GUERRA COLONIAL

Baixas do exército colonialista durante o ano de 1971, segundo números confessados pelo próprio Estado Maior do Exército.

	Mortos	Feridos	Desaparecidos
Guiné	113	846	4
Angola	83	689	5
Mocimbeque	183	1.331	26
	379	2.857	35

Total de baixas, em 1971: 3.271.

PELA SEGURANÇA E A PAZ

A evolução da situação internacional num sentido favorável ao desanuviamento da tensão internacional, à segurança, cooperação e consolidação da Paz na Europa e no mundo, não é fruto do acaso e muito menos da vontade dos círculos imperialistas mais agressivos, com os Estados Unidos à cabeça. É antes de mais nada, fruto da luta tenaz dos povos através de muitos anos. É fruto da modificação constante da correlação de forças no mundo a favor do campo socialista e do progresso, consubstanciada no crescente poderio económico e militar da União Soviética, em particular, e do campo socialista, no seu conjunto, no reforço e alargamento do movimento comunista e operário internacional na conquista da independência nacional de dezenas de países e do desmoronamento do sistema

colonial do imperialismo, na ampliação que vem tomando a luta dos povos pela consolidação da sua independência e pela liquidação total do sistema colonial, pelo socialismo.

A esta situação e à firme e consequente política estrangeira, leninista, da União Soviética e da comunidade socialista em defesa das conquistas do socialismo, da independência dos povos oprimidos, da paz, deve-se, no fundamental, os grandes passos dados nos últimos dois anos em direcção à segurança e cooperação na Europa, à consolidação da paz no mundo.

A declaração sobre a paz, a segurança e a cooperação na Europa, adoptada pelos países do Tratado de Varsóvia; a conclusão e ratificação posterior dos tratados entre a URSS e a RFA, e entre a Polónia e a RFA; o Acordo quadripartido sobre os sectores ocidentais de Berlim de 3 de Setembro de 1971 e sua assinatura posterior; assim como a declaração sobre as conversações soviético-americanas realizadas recentemente em Moscovo, de que resultou a assinatura do Tratado sobre a limitação dos sistemas de defesa antimísil, do Acordo provisório sobre certas medidas no domínio da limitação dos armamentos estratégicos ofensivos e de outros acordos sobre cooperação nos domínios da exploração e da utilização do espaço cósmico com fins

pacíficos, da protecção do meio ambiente, da ciência e da técnica, da pesquisa médica e da saúde, sobre a prevenção de incidentes no alto mar e no espaço aéreo acima do mar, foram como a cúpula a coroar os esforços e a luta árduos de muitos anos, contribuíram, por assim dizer, decisivamente para romper barreiras e fazer recuar forças à realização duma Conferência Europeia de Estados com vista à criação de um sistema de Segurança colectivo e de cooperação na Europa.

As perspectivas para a realização de uma tal Conferência apresentam-se agora muito mais animadoras.

Para chegar a ela, porém, é preciso não desarmar, é preciso persistir na luta. No que toca a Portugal devemos dizer que não se tem feito o possível, e muito menos o necessário, que é preciso unir esforços e vontades para fazer mais e melhor em favor da segurança europeia e da consolidação da paz.

Nos Estados Unidos, Alemanha Federal, Inglaterra, França, Itália, existem forças poderosas que conspiram contra a paz e se opõem à criação de um sistema de segurança e cooperação na Europa.

A existência de regimes fascistas em Portugal, Espanha e Grécia, que pela sua própria natureza são a negação da liberdade, do progresso e da paz, impõem a to-

EM ANGOLA

«O apoio aéreo nas operações militares é quase todo sul-africano. Os aviões e helicópteros são pilotados por sul-africanos que recebem a designação de «primos». Estão habitualmente estacionados em aeródromos militares na África do Sul. Os pilotos são oficiais da força aérea sul-africana e a ligação entre comandos é assegurada por um major sul-africano instalado na sede do batalhão. Relativamente às operações, o que é habitual é uma força militar sair para ir a um acampamento de guerrilheiros, chegar lá e encontrar o acampamento vazio.»

(Extrato duma carta dirigida à redacção do «Avante!» por um oficial em serviço em Angola)

(cont. na 2ª pág.)



(cont. da 1ª pág.)

que os «liberalizantes» e SEDES apareceriam como uma «alternativa» do fascismo, a única «oposição viável» ou «possível», apoiada por elementos oportunistas.»

Combatendo estas tendências paralisantes, divisionistas e liquidacionistas, o movimento democrático tem que definir com clareza os seus objectivos essenciais, os seus métodos e as suas características.

A plataforma política do movimento democrático pode naturalmente variar, em questões não essenciais, de distrito para distrito, segundo as condições concretas. Mas os seus objectivos básicos não podem ser senão: a luta para pôr fim à ditadura fascista, à guerra colonial, à dominação dos monopólios e do imperialismo, a luta pela conquista das liberdades democráticas e pela instauração de um regime democrático.

Os métodos e as características do movimento democrático devem buscar-se nas experiências mais fecundas do próprio movimento. No processo de formação e de desenvolvimento das CDE evidenciam-se características essenciais que estiveram na base dos sucessos alcançados. Foram elas: estruturas abertas e não discriminatórias; estruturação de uma base popular; eleição de comissões dirigentes; métodos democráticos de acção; organização e decisão; recusa a ceder a tentativas de representação nas comissões democráticas de agrupamentos ou correntes políticas como tais; respeito pelas diferenças distritais; clareza e firmeza de objectivos; condenação de todas as formas de colaboracionismo.

Com base nestes princípios formou-se uma ampla unidade que mostrou ter a simpatia e o apoio das massas populares. É a partir destes mesmos princípios que deve desenvolver-se um grande esforço para consolidar e alargar a unidade do movimento democrático.

A correcta solução dos problemas de organização e coordenação é, com certeza, uma das questões capitais no momento presente. O reforço das estruturas distritais, a criação ou rebusciamento das estruturas concelhias, de freguesia e outras estruturas de base são tarefas inadiáveis. A coordenação e a troca de experiências a nível nacional, quando feitas em formas flexíveis, mostraram-se no passado como uma direcção de actividade não só indispensável à coesão do movimento no seu conjunto, mas também incentivadora do próprio trabalho regional e distrital. Voltar a pôr de pé formas de coordenação nacional, já experimentadas, é uma tarefa complementar dos esforços de reactivação e reestruturação das bases, em cada distrito.

O governo numa roda-viva

A actividade do governo e do fascismo no período que se seguiu à reunião do C.C. ilustra nitidamente a justiça das conclusões apreendidas no documento

UNIDADE ANTIFASCISTA

«Tarefas fundamentais da situação política actual».

M. Caetano continua a aprefeccionar a máquina da opressão fascista e de dominação colonial com a entrada em vigor do «estatuto da imprensa», (que mantém a censura acobertada sob a designação de exame prévio e agrava o controlo da expressão do pensamento), com a publicação do decreto-lei de alteração ao Código Penal e ao Código do Processo Penal, (que mantém as esferas medidas de segurança, a prisão sem culpa formada, as mãos livres à Pide-DGS), com a promulgação da Lei Orgânica do Ultramar (cujo principal objectivo é, nas palavras do chefe do governo, «a aceleração quanto possível da construção da sociedade multirracial», o que significa a continuação e o reforço da política colonialista desde sempre seguida pela ditadura fascista).

A repressão continua com direcção principal da política do governo com prisões, com as cargas da polícia de choque sobre os estudantes e o espancamento bárbaro dos estudantes e professores da ISCEF, com o apedrejamento da residência do Bispo do Porto, com o prosseguimento dos stops e outras medidas de controlo da actividade dos cidadãos, com a reactivação da acção provocatória da Legião e as ameaças preferidas pelo Ministro do Interior sempre que abre a boca, como a de que «não haverá santuários» e a de que a autoridade mostrará a sua verdadeira face em todos os lugares e em todos os escalões.

Um traço característico da actividade do governo reside, neste período, no esforço titânico que quer M. Caetano, quer A. Tomaz, quer os ministros estão a realizar para travar o crescente isolamento político e social do regime, para aplacar o descontentamento das massas, para impedir o desenvolvimento da luta popular, para atenuar as suas dificuldades e contradições internas. Numa autêntica roda-viva eles desdobram-se em visitas, passeios, aparições, inaugurações por esse país além, procuram misturar-se com o povo, multiplicam os discursos, as palestras, as notas, os esclarecimentos, prometem mundos e fundos. Frequentemente, deixam também transparecer as dificuldades com que se debatem e que estão na origem daquele esforço. Falando do novo ascenso da luta popular, M. Caetano chamou-lhe (discurso de Santarém): «a mais formidável propaganda que jamais aqui se viu contra as instituições e a ordem social». Referindo-se ao beco sem saída da guerra colonial e à luta do povo português para lhe pôr termo, M. Caetano declarou (palestra de 3/VII): «Debalde procuro caminhos. Caminhos que me permitissem aliviar os sacrifícios do povo português». Aludindo às divergências internas do fascismo, M. Caetano apelou (na mesma palestra) para a unidade dos fascistas e proclamou: «Não é

altura de nos dividirmos.»

No esforço para quebrar o isolamento político e social, os fascistas preparam, também, afanosamente a mascarada «eleitoral» de 1973. Procuram dinamizar o partido único fascista — ANP — e ganhar para ele a simpatia das massas, quer através de designações que estas conhecem como ligadas à Oposição Democrática (plenários, comissões de jovens, comissões de mulheres, etc.), quer mostrando um demagógico interesse pelos problemas e anseios das populações (incluindo a carestia de vida), quer levantando reivindicações ou pseudo-reivindicações regionalistas (autonomia para o Algarve, designação de cidade para Almada), quer prometendo melhoramentos (casas económicas, etc.).

Dando o traço para esta operação o Ministro do Interior recomendava (posse do novo Governador Civil de Setúbal): «um trabalho de profunda e extensa doutrinação política, de preparação de quadros».

Este esforço visa especialmente o distrito de Setúbal (onde apesar do recenseamento e da burla a CDE obteve 34% dos votos em 1969) e algumas das suas localidades, como a Baixa da Banheira (onde os fascistas só obtiveram 140 votos contra 463 da CDE). Aqui temos por que M. Caetano prometeu no discurso de 18/VI a construção de 600 casas económicas nesta localidade (com os dinheiros da Previdência e foi dias depois visitá-la para se inteirar dos seus problemas. Aqui temos como o teórico fascista não desdenha, neste particular, o mais acabado caciquismo parlamentar burguês.

Um novo fúcro de reanimação da luta democrática

Não é apenas desta forma que os fascistas preparam uma nova mascarada eleitoral.

Retirando ensinamentos das derrotas políticas que sofreu no passado, o governo prepara-se, como adverte o C.C., para adoptar medidas e pôr em práticas manobras de diverso tipo, inclusive tirando partido de possíveis candidaturas de fascistas dissidentes e da SEDES, para impedir ou reduzir a acção, a organização e a propaganda democrática e a intervenção popular e para recusar mesmo à Oposição Democrática a possibilidade de apresentar candidatos e conduzir uma campanha política.

O movimento democrático, embora porém, força, experiência e apoio popular bastante para enfrentar estas medidas e manobras, impõe a sua presença independente na vida política portuguesa, mobilizar as massas para uma nova e grande campanha política.

Por isso, o CC do nosso Partido considera que «A preparação para travar uma grande batalha política

por ocasião das «eleições» para a Assembleia Nacional de 1973 pode constituir um fúcro de reestruturação e dinamização do movimento democrático e de um novo ascenso da luta pelas liberdades fundamentais.»

Para a concretização desta orientação importa vencer tanto as ilusões eleitoralistas daqueles que pretendem fazer da actividade eleitoral um fim em si mesmo e não aproveitar as «eleições» fascistas como uma oportunidade para lançar uma grande campanha política de massas e reforçar a organização democrática, como o verbalismo de outros que a pretexto do combate ao eleitoralismo procuram afastar o movimento da luta política no terreno «eleitoral», negligenciando aquela oportunidade.

A preparação de uma batalha política com larga intervenção das massas populares a travar nas condições do fascismo, não poderá improvisar-se à última hora. O movimento democrático disfruta já hoje, em vários distritos, de melhores condições internas do que aquelas que existiam nas vésperas das eleições-burla de 1969. Mas elas asseguram apenas um bom ponto de partida que será necessário reforçar desde já iniciando a acção e a propagação em torno da batalha do recenseamento, da exigência e da imposição de, possibilidades de reunião, organização e de propagação da resposta pronta à repressão do desmascaramento do fascismo aproveitando todas as possibilidades para reforçar a ligação com as massas e realizar acções políticas de massas, inclusive em certas datas históricas como o 5 de Outubro e o 31 de Janeiro.

Nesta actividade é imperioso ir alargando a unidade do movimento, é necessário ir forjando uma ampla organização de base, maleável e aguerrida, é preciso ir reunindo os meios técnicos indispensáveis.

Pela segurança

(cont. da 1ª pág.)

dos uma vigilância acrescida e uma luta sem pausas para os forçar a participarem numa tal Conferência e a cumprirem posteriormente as suas decisões.

A realização da reunião alargada da Comissão da Presidência do Conselho Mundial da Paz sobre a segurança europeia em Bratislava de 29 a 30 de Abril, com a participação de delegados portugueses, e da Assembleia dos Representantes da Opinião Pública pela Segurança e a Cooperação Europeias, de 2 a 5 de Junho, em Bruxelas, onde teve papel activo uma numerosa delegação portuguesa, inserem-se no largo movimento de opinião pública orientado para a conquista daquele objectivo: segurança, cooperação, consolidação da paz na Europa.

Culminando grandes acções estudantis Técnico e Económicas em greve

Os estudantes do Técnico e do ISCEF estão em greve.

Enfrentando corajosamente a feroz repressão fascista, dando provas de grande unidade e firmeza, os estudantes do Técnico e do ISCEF levantam-se em massa em defesa das suas conquistas democráticas ameaçadas exigindo a reabertura das suas AAEE arbitrariamente encerradas a 16 de Maio, data da selvática intervenção policial naqueles estabelecimentos de ensino.

Culminando quase dois meses de lutas, de greve a 100%, de grandes reuniões, de manifestações, enfrentando a repressão e as mais sujas manobras fascistas, os estudantes decidiram greve a exames. No Técnico a decisão foi tomada massivamente numa Reunião Geral de 1.500 estudantes.

Depois de ter encerrado no curto espaço de um ano a Associação Académica de Coimbra, as Associações de Estudantes do Industrial, Ciências, Direito e Letras de Lisboa e de Medicina do Porto, o fascismo desencadeia uma nova e brutal ofensiva repressiva, golpeando agora, com particular violência os estudantes de Económicas e do Técnico. Os acontecimentos sangrentos do dia 16 de Maio, a bestialidade assassina e destruidora das polícias, sobretudo em Económicas, são bem a imagem da natureza criminosa do fascismo. São por outro lado sintoma, não da força mas da fraqueza e do isolamento político do governo de M. Caetano e do seu desespero perante o reforço dos sentimentos antifascistas dos estudantes e da sua aliança combativa com o povo.

Liquidar as AAEE é o objectivo central da política fascista em relação ao Movimento Associativo. Esta nova ofensiva, desencadeada com o objectivo mais imediato de travar o reforço das posições unitárias e o novo ascenso da luta estudantil que se vinha verificando nas academias e de que são exemplo as manifestações de rua de mais de 3.000 estudantes em Coimbra em 14 de Maio contra a provocação fascista da «Queima» e as lutas dos estudantes liceais do Porto, é disso confirmação.

Confirmando as previsões e a justiça da orientação traçada pela UEC, os estudantes do Técnico e de Económicas apoiadas pelos seus colegas de Lisboa e das outras academias, lançam-se corajosamente na defesa das suas AAEE através de acções com larga expressão de massas e revelando grande vigor combativo, que têm a solidariedade dos assistentes e dos professores, repercutem fortemente no plano nacional e internacional, conquistam a simpatia e o apoio da população.

Servindo-se da imprensa censurada, o fascismo deforma e calunia os estudantes e a sua luta, tenta confundir a opinião pública e privar os estudantes do neces-

sário apoio popular para mais facilmente golpear o seu movimento. A saudação dos trabalhadores da CARRIS aos estudantes de Lisboa, assim como muitas outras manifestações de solidariedade para com a luta estudantil, apontam o caminho a seguir para fazer fracassar os manejos do fascismo.

Face à repressão e às manobras fascistas tendentes a isolá-los e a dividi-los, opõem os estudantes a força da sua unidade, assente em processos profundamente democráticos de decisão (Reuniões Gerais, Plenários, etc.), na definição clara dos objectivos de luta, em formas de acção massivas. É nesta justa linha que os estudantes se devem firmemente manter, reforçando-a pois é nela que assentam em primeiro lugar a força e a projecção política do seu movimento.

A prática e concepções do verbalismo pseudo-revolucionário sofreram uma derrota clamorosa em todo este processo de luta, mas nem por isso a vigilância das massas estudantis e dos estudantes de vanguarda pode afrouxar. O facto de certas manobras fascistas para a capitulação do movimento estudantil, denunciadas e rejeitadas pelos estudantes, terem sido activamente defendidas por certos dirigentes oportunistas e de agentes fascistas terem aparecido activos em acções aventureiras preconizadas por verbalistas mostra bem os perigos que para o movimento estudantil representam o liquidacionismo e o aventureirismo.

Neste momento em que as AAEE se encontram perigosamente ameaçadas, a luta dos estudantes do Técnico e do ISCEF na defesa dos seus direitos democráticos é de uma extraordinária importância para todo o movimento estudantil português.

Impõe-se que os estudantes de Lisboa, Porto e Coimbra reforcem o seu apoio activo aos seus companheiros em greve e intensifiquem a luta pelas suas AAEE e contra a política fascista. Impõe-se também que se alargue a solidariedade da intelectualidade, dos democratas e dos trabalhadores à valente luta dos estudantes do Técnico e do ISCEF.

SAUDAÇÃO À FRELIMO No 10º aniversário da sua fundação

Assinalando a passagem do 10º aniversário da fundação da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), foi dirigida ao seu C.C., uma mensagem de saudação do C.C. do nosso Partido enviando «as fraternas saudações de combate dos comunistas portugueses».

«Dez anos de persistente actividade à cabeça dos patriotas de Moçambique — lê-se na mensagem — foram 10 anos de grandes sacrifícios e duras lutas — mas foram também 10 anos que deram ao povo moçambicano, sob a direcção da FRELIMO, grandes êxitos na via que conduzirá à sua completa libertação do domínio secular do colonialismo português».

Depois de afirmar que os co-

munistas portugueses sempre apoiaram sem reservas a justa luta do povo de Moçambique, assim como dos povos das restantes colónias portuguesas contra o colonialismo e pela independência, a mensagem conclui: «Fazendo votos por que se estreitem no futuro as fraternas relações entre o P.C.P. e a FRELIMO, desejamo-vos novos sucessos na vossa corajosa luta e afirmamo-vos a determinação dos comunistas portugueses de não pouparem esforços para intensificar a luta multiforme das massas populares em Portugal pelo fim da criminosa guerra colonial e pelo reconhecimento do direito à total e imediata independência do povo de Moçambique.»

RESISTÊNCIA NOS QUARTÉIS

— **Figueira da Foz** — Um grupo de soldados cabo-verdeanos do RAP (Reg. art. pesada) levou a cabo uma manifestação de protesto contra a disciplina militar, a qual tomou o aspecto de motim, espalhando vários móveis na camarata. Manifestando por todas as formas os seus sentimentos anticolonialistas, os soldados portugueses devem solidarizar-se com os seus irmãos de combate cabo-verdeanos.

— **Vila Real** (R.J. 13) — Numa noite de Fevereiro, como os soldados fizesssem barulho na caserna depois do «silêncio», um furiel e um cabo miliciano quiseram mandá-los formar na parada àquela hora (22,30). Ante a resistência dos soldados, tentaram agredir alguns, mas acabaram por ser espancados e postos fora da caserna. Não houve castigos.

— **Vendas Novas** — 3 pelotões com cerca de 100 cabos milicianos ofereceram resistência ao juramento de bandeira.

— **Mafra** — Na última chamada de oficiais milicianos, faltaram 160 dos 800 que se deveriam apresentar.

— **Cascais** (CIAC). No mês de Janeiro e Fevereiro todos os soldados presentes nesta unidade reagiram com grande firmeza contra a agressão por parte do 2º

comandante a um soldado, que ficou muito ferido.

Os soldados fizeram uma reunião geral para decidir das medidas a tomar.

No dia seguinte concentraram-se todos, sem excepção, em formação militar, junto do gabinete do comandante. Enquanto dorou a concentração houve uma greve aos serviços de guarnição (cozinha, caserna, depósito de armamento, secretaria).

Ante a promessa do capitão da formação de que falaria ele próprio com o comandante, os soldados levantaram a concentração, mas mantiveram a greve aos serviços até se assegurarem que o capitão cumpria a promessa.

O movimento foi vitorioso. Os maus tratos acabaram completamente.

VITORIOSOS OS CAMPONESES DE AVEIRO

Depois do recuo das forças repressivas, foi a vez do governo recuar. Sob a pressão da luta unida e audaciosa dos camponeses da região de Aveiro, um recente despacho do secretário de Estado da Agricultura veio dar prioridade na recolha do leite às cooperativas e suas uniões.

O papel da Federação na defesa dos industriais de lácteos foi assim eliminado. Resta agora aos valentes camponeses continuar a demonstrar a mesma determinação combativa de forma a obrigar o governo a pôr em prática aquela dura batalha contra o corporativismo fascista, que é também um magnífico exemplo de luta para todos os camponeses.

JOÃO DE ARAÚJO LOPES

Depois de longa e dolorosa doença morreu no Porto, onde residia há alguns anos, João de Araújo Lopes, operário mecânico, natural de Fafe.

O camarada João Lopes militou nas fileiras do Partido durante cerca de 40 anos. Preso numerosas vezes, a primeira das quais em 1936, teve sempre um comportamento firme e intransigente perante o inimigo. Passou muitos anos na prisão, o que lhe arruinou a saúde.

De uma dedicação sem limites ao Partido, João Lopes foi um homem dotado de extraordinária abnegação, coragem e energia revolucionária. Toda a sua vida de militante se caracterizou por uma actividade intensa e constante que o levou a participar em muitas e grandes lu-

tas. Certo de que sofria de uma doença que lhe acarretaria a morte a curto prazo, João Lopes soube manter-se firme e sereno até ao último momento. Poucos dias antes da sua morte, a mensagem oral que mandou para a Direcção do Partido foi a de que continuaria a fazer tudo o que ainda lhe fosse possível para ajudar a educar os jovens que conhecia no espírito de Partido, no espírito revolucionário e de intransigência perante o inimigo.

RECTIFICAÇÃO: No «Avante!» nº 441, artigo «ADIANTE NA BA-

TALHA NOS SINDICATOS NACIONAIS!», 3º capítulo, 1º parágrafo, 10ª linha, onde se lê «que acabaram de pôr à frente do sindicato uma direcção da sua confiança...», deve ler-se: «CUJA DIRECÇÃO DA CONFIANÇA DOS TRABALHADORES FORA DESTITUIDA MESES ATRAS».

EM FRENTE, TRABALHADORES, NA BATALHA PELO PÃO!

O cortejo de ilegalidades do patronato e do governo à volta da assinatura do novo Contrato Colectivo de Trabalho dos metalúrgicos não terminou. Os exploradores da metalurgia e das metalomecânicas procuram agora extorquir tudo quanto a força unida de dezenas de milhar de metalúrgicos em acção pôde defender.

Para fugir ao cumprimento do estipulado no Contrato, o patronato explorador dá interpretações ardilosas às cláusulas mais favoráveis aos trabalhadores ou recusa-se pura e simplesmente a respeitá-las. Desta forma, divide por 30 dias o salário de 24, recusa o pagamento de um dia de descanso obrigatório estipulado no Contrato, manipula as classificações profissionais baixando categorias a seu belo prazer, reduz salários tabelados, particularmente das mulheres, recusa ou atrasa o mais possível o pagamento do aumento, faz despedimentos, não reconhece o direito a um terceiro dia de feriado obrigatório, muda de grémio...

Este nunca acabar de falcatruas está sendo levado a cabo pelos capitalistas, sempre à sombra protectora da polícia e do ministério das Corporações. Nas empresas, a Pide-DGS interroga e ameaça dirigentes sindicais e outros trabalhadores, enquanto que os delegados do Instituto Nacional de Trabalho dos respectivos distritos intervêm como descarados colaboradores do patronato procurando iludir e entravar a acção dos trabalhadores.

Nos outros sectores profissionais, exploradores nacionais e estrangeiros, apoiados igualmente na organização corporativa, põem em prática idênticas manobras de exploração. Na CARRIS (Lisboa), após um ano de negociações infrutíferas com vista à assinatura do novo Acordo Colectivo de Trabalho, em que a Administração procurou impôr aos trabalhadores miseráveis condições de exploração na contra-proposta por ela apresentada, os lords ingleses procuram adiar indefinidamente a satisfação das reivindicações imediatas dos trabalhadores. Por intermédio dos seus laiaos apresentaram na assembleia do Sindicato uma proposta para que se esperasse um ou mesmo dois anos pela assinatura do novo Acordo. Os magnates da Carris e pretendem assim matar dois coelhos numa cajadada: forçar os trabalhadores a permanecerem de braços cruzados e barriga vazia todo aque-

le tempo, enquanto os exploradores ingleses iriam amassando super-lucros à custa dos baixos salários e miseráveis condições de trabalho que procuram impôr aos trabalhadores e, simultaneamente, à custa de novo golpe às bolsas do povo de Lisboa, através do aumento dos preços dos bilhetes.

Sabendo que a organização corporativa e a polícia dão cobertura a todas as suas ilegalidades, os exploradores capitalistas de outras empresas não pagam as horas extraordinárias, não respeitam horários de trabalho, recorrem à super-exploração da mão de obra feminina despedindo homens e admitindo mulheres, etc.. Na **RODOVIÁRIA** (Oliveira de Azeméis) e na **TRANSPORTADORA LUSITÂNIA** (S. João da Madeira), além de não pagarem as horas extraordinárias aos motoristas fazem mais: na primeira, pretendem que o tempo de intervalo entre as carreiras (1 a 2 horas) não seja contado no tempo de trabalho; na segunda, enquanto forçam os motoristas a trabalhar 10 a 12 horas diárias, com a cumplicidade da polícia de trânsito, fazem registar numa caderneta horários de 8 ou 9 horas diárias.

Os despedimentos e a ameaça de desemprego são uma arma de pressão e de intimidação nas mãos dos exploradores.

O flagelo do desemprego, resultante do encerramento de empresas têxteis e metalúrgicas está a atingir milhares de operários e suas famílias, que ficam assim lançados no desamparo e na miséria. Entretanto, que fazem os patrões? Sob a ameaça do desemprego, a exploração capitalista é intensificada: redução de dias de trabalho, não-pagamento dos salários devidos, tentativas de colocar na expectativa e paralisar a acção dos trabalhadores.

Tais são apenas alguns frutos podres da «sacrossanta» propriedade privada capitalista cuja defesa orienta toda a política anti-operária, anti-popular e anti-nacional do governo caetano. Que ela é «fonte de multiplicação de riqueza» apenas para meidúzia e não «ao serviço da colectividade», como pretende Caetano, vêem-no bem os trabalhadores na vida faustosa e parasitária dos seus exploradores. Que ela é fonte de exploração e de opressão, de insegurança e de miséria para os trabalhadores, sentem-no estes bem na sua própria carne.

A lei do patronato é a exploração. A lei dos trabalhadores é a luta contra ela.

Os metalúrgicos reagem às novas investidas dos seus exploradores com crescentes manifestações de descontentamento e de protesto.

Na **MAGUE** (Alverca), em princípios de Abril, os 800 operários recusam-se em bloco a receber o salário por este não corresponder aos 30 dias e assim se mantêm 5 dias. No dia 25 de Maio, voltando à acção, a maioria dos operários abandona o trabalho e dirige-se à gerência insistindo no pagamento dos 30 dias e na satisfação de outras reivindicações.

Na **CASA HIPÓLITO** (Torres Vedras), com cerca de 1.000 operários, depois duma paralisação de meia-hora no dia 24-5, os metalúrgicos mostram a sua firme disposição de voltar a paralisar no dia 31 se até à hora do almoço desse dia não lhes for garantida a passagem a mensais e o vencimento respectivo. Ante a força unida dos trabalhadores, a administração recua imediatamente garantindo a satisfação daquelas reivindicações. A luta não parou.

Na **FRANCISCO ANTÓNIO DA SILVA** (Torres Vedras), depois de vários protestos, idas ao escritório, «cera», chegando quase à paralisação, os 400 operários forçaram o patronato a ceder: conquistaram o pagamento mensal e pequenos aumentos.

Na região de Aveiro, milhares de operários dão provas de grande unidade combativa nas empresas, pelo cumprimento do contrato colectivo depois da assembleia de 1.500 operários na sede do Sindicato do distrito, em Rio Meão, onde haviam protestado contra o atraso na assinatura do novo C.C.T.: na **FELÂNDRIA** (Águeda) fazem paralisações, «cera» e uma concentração junto da gerência; na **SACH** (Malaposta) fazem uma paralisação total de 1/2 hora; na **FAMEL** (Águeda) paralisam também na secção de polidores; na **OLIVEIRAS** (Águeda) recorrem à «cera»; na **CITAP** (Oliveira de Azeméis) fazem greve às horas extraordinárias e forçam o patronato a avançar uma importância por conta dos pagamentos em atraso; na **F. RAMADA** (Ovar), cerca de 300 operários paralisam durante 45 m.

Noutras empresas os trabalhadores respondem aos golpes da exploração prosseguindo e in-

tensificando a sua acção.

Na **BARREIROS** (Setúbal), os operários reivindicaram aumento de salário reduzindo fortemente a produção, atingindo quase a paralisação, ao mesmo tempo que era formada uma Comissão de Unidade. A gerência levantou o espantinho da «subversão» e logo apareceu o delegado do Instituto Nacional de Trabalho procurando levar os trabalhadores a abandonar a luta, mas estes só retomaram o ritmo normal depois de lhes ter sido dado um aumento de 10%. Prosseguindo a luta, através da sua Comissão de Unidade, conseguiram novo aumento.

Na **IMA** (Setúbal), os operários elegeram uma Comissão e protestaram contra o atraso no pagamento dos seus salários fazendo 2 paralisações e uma concentração.

Na **RABOR** (Ovar), 350 trabalhadores (90% do total) estão em luta contra os seus exploradores americanos reivindicando o pagamento do 13º mês que a empresa arbitrariamente lhes retirou.

Na **UTIC** (Lisboa), os trabalhadores foram aumentados 250\$00 em média decorridos poucos dias após o aparecimento de tarjetas reivindicando aumento.

Nos **C.T.T.** (Lisboa), graças à disposição combativa dos trabalhadores face ao roubo que lhes estava a ser feito no abono de família, a administração apressou-se a comunicar que iria pagar a diferença respectiva.

Na **SONADEL** (Baixo Ribatejo), graças à sua acção unida, os operários conseguiram um parecer favorável do tribunal à sua reivindicação do pagamento da meia-hora do turno da noite, que lhes fora roubada durante anos. Na **MACOL** (Baixo Ribatejo), sem que fosse necessário recorrer ao tribunal, os operários obtiveram idêntica conquista.

Vitoriosa foi também a luta dos operários da **SITENOR** (Matosinhos) que em resultado da paralisação que haviam feito, tiveram aumentos de 4\$00 e 8\$00 diários. Trabalhadores! Para deter e fazer fracassar as manobras de exploração capitalista, ampliai e unificai a vossa luta nas empresas e nos Sindicatos!

Fortalecei cada vez mais a vossa unidade, criando Comissões em todas as empresas, elegendo direcções sindicais da vossa confiança, esborrachando as Comissões Administrativas e as direcções-laciais dos Sindicatos Nacionais, desenvolvendo imediatas acções de solidariedade para com os camaradas vítimas da repressão!

Insistindo na luta por aumento de salário, sem esperar que os novos Contratos Colectivos de Trabalho sejam assinados, forçando o patronato a respeitar o estipulado nos Contratos, através das formas de luta mais apropriadas — paralisações, concentrações, greves — em frente na batalha pelo Pão, pelos direitos sindicais, contra o desemprego, contra a exploração!

10.000 BANCÁRIOS DE LISBOA E PORTO elegeram as direcções sindicais

Os bancários de Lisboa e Porto acabam de ver coroada de êxito a sua luta pertinaz contra as Comissões Administrativas que, pela violência, lhes haviam sido impostas pelo governo e os senho-

res da banca. Numa bela manifestação de apoio aos dirigentes escolhidos pela classe, as eleições em Lisboa tiveram 7.257 participantes; depois de descontados os votos não considerados e anula-

dos, a direcção foi eleita por 6.504 trabalhadores. No Porto, a lista única foi também eleita por um número record de votantes: 2.500.



APELO DO COMITÉ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

CONTRA A POLÍTICA FASCISTA, UMA AMPLA FRENTE DE LUTA!

O governo de Marcelo Caetano não conseguiu resolver nenhum dos grandes problemas nacionais, nem fazer sair o regime das suas contradições e dificuldades, da crise em que se debate.

Fracassou a grande manobra «liberalizante» lançada por M. Caetano em 1968 e o regime apresenta hoje uma face semelhante à dos piores tempos do ditador Salazar: com a multiplicação das medidas repressivas, a prisão de muitas dezenas de patriotas e antifascistas no último ano e o recurso às mais cruéis torturas, o agravamento das dificuldades económicas e da submissão ao imperialismo, as condições de mi-

séria das massas laboriosas e o aprofundamento do abismo das guerras coloniais em que os fascistas e colonialistas mergulharam o país há mais de 10 anos.

Um novo ascenso da luta popular de massas tem sido a resposta à ofensiva repressiva do governo desencadeada em 1971. Apesar dos golpes sofridos, as massas populares lançam-se à luta, nas empresas, nos sindicatos, nos campos, nos quartéis, nas escolas, nas cooperativas, em frentes de resistência e de combate cada vez mais amplas. Entram na batalha novas camadas da população e novas forças. Reforça-se na acção a unidade antifascista e popular.

Contra a exploração e contra a vida cara!

É sobre os ombros da classe operária e das massas laboriosas do nosso povo que o governo tem feito pesar as graves consequências da sua política.

Os trabalhadores, a juventude e as massas populares lutam, porém, tenazmente, por melhores salários; contra a miséria e a vida cara, como o demonstram as nu-

merosas greves, paralisações e outras verificadas nos últimos tempos, entre as quais se destaca a grande manifestação de 15 de Abril, no Porto, de mais de 40 mil pessoas.

O desenvolvimento e multiplicação dessas acções é o caminho que o Comité Central do PCP aponta aos comunistas, à classe operária e às massas populares.

Contra a repressão e pela liberdade!

Em vez das «zonas cada vez mais largas de liberdade» que M. Caetano continua a prometer mentirosa e demagógicamente, a repressão, nas suas várias formas, revelou-se de novo o instrumento fundamental do governo para impor a sua política antipopular e antinacional, contra a vontade do povo português.

Contra a repressão e pela conquista da liberdade, o movimento

democrático e antifascista vem travando uma corajosa batalha que tem feito recuar o governo nalguns aspectos importantes.

O Comité Central do PCP considera que as forças antifascistas, vencendo as suas actuais debilidades e unindo-se estreitamente às massas populares, terão força bastante para levar avante a luta pela conquista das liberdades fundamentais.

Contra a guerra colonial! Pela imediata independência dos povos coloniais!

A guerra colonial cobre de vergonha o nome de Portugal perante os povos de todo o mundo. Tenta abafar em sangue a justa luta dos povos de Angola, Guiné e Moçambique pela liberdade e independência a que têm direito. Mata e mutila muitos milhares de jovens. É causa directa de maior atraso e miséria do povo português.

Que a juventude e o povo português estão, contra esta vergonhosa guerra, demonstrando cabalmente as inúmeras lutas dos

jovens contra a mobilização e a guerra, as manifestações das massas populares contra a política fascista e colonialista do governo, as acções dirigidas directamente contra o aparelho militar colonialista, assim como a tomada de posição dos mais diversos sectores do movimento democrático e antifascista.

O Comité Central do PCP considera que tem de ser feito um decidido esforço para intensificar as mais diversas acções na luta contra a guerra colonial.

Unidade de acção numa ampla frente de luta!

A conquista das liberdades democráticas e o fim da guerra colonial são os primeiros grandes passos para abrir a Portugal o caminho da democracia, da independência, do progresso social e do

socialismo.

Nas fábricas, nos campos, em todos os locais de trabalho, nas escolas, nas forças armadas, nas organizações de massas, em todos os sectores da vida nacional — é ne-

Saudações do C.C. do P.C.P.

AO COMITÉ CENTRAL
DO PARTIDO DOS
TRABALHADORES DO
VIETNAM

Queridos camaradas:

A nova escalada da agressão norte-americana contra o povo do Vietnam provoca a maior indignação dos comunistas, democratas e povo de Portugal. A ferocidade dos bombardeamentos; os actos de pirataria, bloqueando os portos dum país independente e soberano; a retirada da Conferência de Paris, — põem uma vez mais a descoberto a face hedionda do imperialismo norte-americano, desmascaram as cínicas palavras pacíficas de Nixon e revelam o fracasso da sua política chamada de «vietnamização».

A indómita heroicidade do povo vietnamita e a justa política do Partido dos Trabalhadores do Vietnam suscitam a nossa admiração. Os êxitos recentes do povo vietnamita, que conta com o apoio da URSS, de outros países socialistas, do movimento operário e de todas as forças progressistas e dos povos do mundo, incluindo dos próprios EUA, são a prova de que a causa do povo do Vietnam é invencível e será vitoriosa.

Neste momento em que o imperialismo vos impõe novos e pesados sacrifícios, o Comité Central do Partido Comunista Português transmite-vos, e a todos os comunistas e povo do Vietnam, as fraternais saudações internacionalistas dos comunistas portugueses e a expressão dos sentimentos de solidariedade anti-imperialista dos trabalhadores e do movimento democrático de Portugal. No Portugal fascista, tudo faremos para reforçar a activa solidariedade do nosso povo para com a vossa luta mil vezes heróica.

AOS CAMARADAS PRESOS

Queridos camaradas:

O Comité Central, na sua reunião de Maio de 1972, recordando a vossa actividade partidária e a vossa actual situação, consequência da repressão terrorista do fascismo, decidiu enviar-vos as mais calorosas saudações comunistas. A vossa dedicação ao Partido e à classe operária e a vossa firmeza revolucionária grangearam o justo respeito e a admiração do nosso povo. Constituísteis magníficas bandeiras que o nosso Partido tem elevado bem alto como exemplos a seguir por todos os que desejam a Liberdade, a Independência Nacional, a Paz e o Socialismo e lutam por tais

objectivos.

Nesta reunião, em que o Comité Central toma decisões que conduzirão ao fortalecimento do Partido, e ao reforço da sua influência em toda a vida nacional, não podeis deixar de estar no nosso pensamento e à luta em defesa da vossa vida e saúde atingida por um regime prisional desumano e pela vossa libertação dos cárceres fascistas. Continuaremos a dedicar os nossos melhores esforços.

Acital, queridos camaradas, com as nossas fraternais saudações comunistas, os votos de que em breve estareis na mesma frente de luta em que nos encontramos.

— necessário fazer frente à política fascista, reforçar a organização e a unidade, empreender a luta com decisão.

O Comité Central do PCP apela para a unidade de acção de todas as forças antifascistas e das massas populares, na luta:

- POR MELHORES SALÁRIOS E CONTRA A VIDA CARA!
- CONTRA A REPRESSÃO EM TODAS AS SUAS FORMAS!

— PELAS LIBERDADES FUNDAMENTAIS!

— CONTRA A GUERRA COLONIAL E PELO SEU FIM IMEDIATO!

— CONTRA O IMPERIALISMO ESTRANGEIRO E PELA VERDADEIRA INDEPENDÊNCIA NACIONAL!

Maio de 1972

O Comité Central
do Partido Comunista Português

Barrar o caminho à repressão RECLAMAR A AMNISTIA

A guerra colonial (dita «em defesa das províncias ultramarinas»), a «defesa da liberdade e dos interesses de todos os portugueses», «a defesa da pátria una e indivisível» (leia-se dos monopólios capitalistas e da sacrossanta propriedade privada), servem a M. Caetano e seus sequazes para justificar e explicar a repressão contra os adversários do regime, todos os crimes contra cidadãos indefesos, todos os atentados contra os direitos humanos, o verdadeiro estado de sítio que se respira no País.

Num discurso arruaceiro e provocador proferido no dia 28 de Maio passado no Porto, o ministro do interior, Rapazote, ao falar em liberdade definiu bem, talvez sem o querer, que era da defesa da liberdade dos fascistas, dos opressores e exploradores do povo português e dos povos das colónias portuguesas que se tratava, cujo exercício, disse sem rodeios, ser garantido,

«pelo regular funcionamento das instituições, nomeadamente da polícia e dos tribunais».

Nos últimos meses os tribunais plenários de Lisboa e Porto têm trabalhado a pleno rendimento ditando pesadas condenações contra dezenas e dezenas de democratas de várias tendências pelo único crime de não serem fascistas e colonialistas.

Em Lisboa, Coimbra e Porto, as forças repressivas sob o comando da PIDE-DGS, vêm exercendo as maiores brutalidades contra os estudantes, ferindo mais ou menos gravemente alguns e prendendo várias dezenas deles apenas por persistirem em defender o direito de funcionamento das suas Associações Escolares, em lutar por uma reforma democrática do ensino, em se solidarizar com a luta de outros povos pela liberdade e independência nacional.

dência nacional.

Sob os mais variados pretextos o bando da PIDE-DGS, assim como a GNR e a PSP têm prendido nos últimos meses dezenas de anti-fascistas em Lisboa, Margem Sul do Tejo, Porto, etc..

Os assaltos pela cidade da noite às residências de antifascistas, ou suspeitos de o serem, os assaltos a sindicatos nacionais cujas direcções foram eleitas pelos trabalhadores e procuram defender os seus interesses, os assaltos a cooperativas, associações de estudantes, recreativas e culturais, a casas editoras e livrarias onde conspiram, revolvem, destroem, roubam haveres, provocam e agredem os atingidos, continuam a ter lugar diáriamente de norte a sul do país sob as ordens directas de Caetano-Rapazote.

Sob as suas ordens, ou com o seu acordo, policiais e provocadores profissionais têm levado a cabo provocações de carácter terrorista, de que é último exemplo o falado «descarrilamento» de um comboio na linha do Vale do Vouga, para justificar aos olhos do povo e da opinião pública internacional as ondas repressivas contra os movimentos operário e sindical, estudantil, anticolonial, democrático.

As torturas aos presos, os interrogatórios durante dias consecutivos e sem a presença de advogado, as longas incomunicabilidades, contrários às próprias leis vigentes, continuam a ter lugar nos antros da PIDE com o conhecimento e o acordo de M. Caetano e A. Tomaz.

As torturas, os «castigos» nos «segredos» e nas «casa-matas» das prisões, em especial a tortura do sono, fazem parte de um plano de aniquilamento lento de alguns presos. Que significa manter 18 dias e noites seguidos um preso sem dormir (caso recente de An-

tónio Gervásio) se não isso mesmo?

Nas prisões os presos continuam a ser maltratados, perseguidos, insultados, ameaçados a todo o momento. Respira-se ali um ambiente de tensão permanente. A alimentação é má e muitas vezes insuficiente. A assistência médica e farmacêutica é deficiente, quando não nula.

António Dias Lourenço, António Gervásio, José Magro, Angelo Veloso, Diniz Miranda, Canais Rocha, Hídio Esteves, Rogério de Carvalho, Domingos Abrantes, Jorge Araújo, Úrsula Machado, Cabral de Matos, Santos Graça, e outros militantes operários, intelectuais, estudantes consequentes são as vítimas preferidas que os governantes fascistas se propõem liquidar pelo processo da ruína lenta da saúde física e mental.

São casos extremamente graves de saúde os de Rogério de Carvalho, Hídio Esteves, Manuel Pedro, José Magro e Úrsula Machado, cujo tratamento com possibilidades de êxito não pode operar-se num ambiente como é o prisional.

Espera o governo um agravamento irremediável da saúde destes patriotas para os libertar, como sucedeu com Luísa Paula e Agostinho Saboga e mais recentemente com Guilherme de Carvalho?

Tal não pode consentir o povo português.

Para travar a repressão política e evitar que novos crimes contra os democratas e patriotas presos, ou em liberdade, se consumam é necessário insistir nas acções de protesto e denúncia das formas repressivas e de tortura do regi-

me e alargá-las à escala nacional, reclamar a libertação imediata dos presos doentes e dos que se encontram a cumprir as celeradas «medidas de segurança» e com metade da pena cumprida — reclamar a Amnistia.

Nesse sentido, é de salientar e de apoiar activamente à escala nacional a carta da C.N.S.P.P. entregue no dia 15 de Maio de 1972 na Presidência da República reclamando a amnistia total para os presos políticos.

A constituição da Comissão Regional de S.P.P. do distrito do Porto com centenas de elementos: operários, empregados, advogados médicos, engenheiros arquitectos, escultores, professores de todos os graus de ensino, jornalistas, estudantes, etc. representa um factor positivo para um maior desenvolvimento da luta contra a repressão e do auxílio aos presos políticos no distrito do Porto.

Iniciativas como a dos empregados de seguros do Porto, que em número de 550 enviaram uma exposição a M. Caetano reclamando a libertação do seu colega Rogério de Carvalho, devem e podem multiplicar-se em várias localidades e regiões em relação a outros presos.

Denunciando através de um documento tornado público a repressão fascista nas suas várias formas, os democratas de Lisboa afirmam justamente que a «repressão pode ser travada pela acção conjunta dos cidadãos».

Organizar essa acção conjunta em Lisboa e noutras regiões do País é um imperativo do momento presente.

MENSAGEM DE SOLIDARIEDADE DOS COMUNISTAS MARROQUINOS

Assinada pelo seu secretário geral, Ali Yata, o Comité Nacional do Partido da Libertação e do Socialismo de Marrocos, enviou ao Comité Central do Partido Comunista Português a seguinte mensagem de solidariedade:

«Queridos camaradas,

Erguemos um vigoroso protesto contra a condenação de António Gervásio, membro do Comité Central do Partido Comunista Português, a 11 anos e 8 meses de prisão e a 16 anos de privação de direitos políticos, depois de meses de torturas infligidas pela polícia portuguesa.

O camarada António Gervásio é um heróico militante do vosso Partido que luta pela democracia e a liberdade do povo português, contra o regime fascista, colonialista e racista que reina em Portugal. O seu caso é o de milhares de comunistas e democratas dedicados ao povo e ao progresso.

O povo marroquino junta-se à reprovação internacional para condenar os governantes portugueses e reclamar a libertação dos presos políticos que eles tentam, por todos os meios, exter-

minar.
Prestamos homenagem aos sacrifícios enormes que o vosso Partido suporta na luta antifascista e exprimimo-vos a nossa solidariedade com o vosso combate corajoso e pleno de abnegação.»

PIRES JORGE E BLANQUI TEIXEIRA

(cont. da 3ª pág.)

zade Iuri Gagarine, com quem realizaram um fraterno encontro, de que o jornal «Pionerskaia Pravda» e a Rádio Moscovo fizeram reportagem.

A convite do PCUS, realizaram uma viagem pela União Soviética, tendo sido recebidos em Comités de Partido, empresas, kolхозes, institutos científicos, etc., de Volgogrado, Irkutsk, Bratsk, Novosibirsk, Leninegrado, etc..

Os nossos camaradas foram examinados em Moscovo por médicos especialistas e realizaram exames e tratamentos indicados por eles.



A lógica

O aventureirismo esquerdista está mostrando no mundo ao que conduz a sua própria lógica, quando passa do verbalismo à acção. Nuns casos (e são os melhores), atentados terroristas que conduzem os seus autores à rápida derrota e liquidação física. Noutros casos, o uso de reféns e a sua execução provocam a condenação e a repulsa das mais amplas massas. Noutros ainda, confundindo-se com banditismo e loucura, execuções sem sentido, como no recente caso registado no Japão. Aqueles que assim agem declaram

ser «revolucionários». Desacreditam, no fim de contas, a causa por que dizem bater-se.

Em Portugal, até agora, o esquerdismo pouco vai além de palavras exaltadas e campanhas de calúnias contra as forças revolucionárias. Mas as concepções contêm o germen dessas tristes histórias que correm mundo.

Combatemos o verbalismo. E, se a lógica levar um dia à prática de actos terroristas, que apenas podem servir o fascismo, é de saber de antemão que também os condenaremos.

Estão verdes...

«Estão verdes, não prestam», disse a raposa incapaz de chegar ao belo cacho de uvas. Assim certos sujeitos incapazes de praticar as acções violentas que apregoam.

E o caso de uma coisa que se intitula RPAC, oficialmente «Resistência Popular Anti-Colonial». A

ARA destruiu em Tancos 14 helicópteros e aviões? Não presta, dizem eles. É um terrorismo gratuito e impotente».

Porquê tão incongruente atitude? RPAC. Leia-se «Rapazes Portugueses Anti-Comunistas» e tem-se a explicação.

HOMENAGEM A JORGE DIMITROV

Em Junho deste ano o mundo progressivo comemorou os 90 anos do nascimento do glorioso filho da classe operária búlgara e destacado dirigente do movimento comunista internacional Jorge Dimitrov.

Tipógrafo aos 13 anos, desde muito novo se destacou na luta dos trabalhadores. Em 1898, apenas com 17 anos, Dimitrov organiza em Sófia a manifestação do 1º de Maio dos tipógrafos.

Os longos anos da sua vida de operário, as lutas em que participou, o estudo preservante das obras de Marx e Engels, muito o ajudaram a compreender, ao entrar para o Partido Social Democrata em 1902, os problemas com que se debatia o partido e a necessidade da sua transformação num partido de novo tipo — num partido marxista-leninista.

A sua firmeza e fidelidade aos ideais da classe operária foram uma constante ao longo de uma vida totalmente dedicada à causa dos trabalhadores.

O seu nome tornou-se mundialmente célebre quando em 1933 foi preso e julgado em Leipzig pelos hitlerianos que, tendo provocatoriamente lançado o fogo ao Parlamento (Reichtag) incriminaram Dimitrov e os comunistas do incendio, procurando assim pretexto para o terror desencadeado contra o Partido alemão. A luta heroica e vitoriosa que Dimitrov travou nesse julgamento histórico, passando de acusado a acusador da Alemanha hitleriana, constituiu um extraordinário exemplo de coragem, combatividade, confiança na própria causa.

Em 1935, no VII Congresso da

Internacional Comunista em que foi eleito secretário geral, coube-lhe apresentar o relatório principal: «A ofensiva do fascismo e as tarefas da Internacional Comunista na luta pela unidade da classe operária contra o fascismo».

Jorge Dimitrov teve a bem merecida felicidade de ver a revolução socialista triunfar no seu próprio país. O levantamento de 9 de Setembro de 1944 tornou o povo búlgaro senhor do seu próprio destino.

Os primeiros anos da construção socialista, anos difíceis de luta contra a reacção interna e externa tiveram a preciosa ajuda do grande revolucionário. Em 1948, Jorge Dimitrov apresentou no Vº Congresso do seu Partido o relatório político, em que se traçavam as linhas gerais do desenvolvimento económico, político, social e cultural da Bulgária.

Morreu em Julho de 1949. Seguindo o seu exemplo e os seus ensinamentos, os trabalhadores búlgaros transformaram a Bulgária num país onde foi eliminada a exploração do homem pelo homem, onde a indústria, a agricultura, a cultura, o bem-estar do povo trabalhador conheceu um rápido desenvolvimento.

A Bulgária socialista comemorou no mês de Junho o 90º aniversário do nascimento de Dimitrov. A convite do CC do PC Búlgaro uma delegação do nosso Partido participou nas comemorações realizadas em Sófia no dia 18 de Junho, prestando a homenagem dos comunistas e da classe operária portuguesa ao grande e inesquecível revolucionário.

50º ANIVERSÁRIO da Organização dos Pioneiros da União Soviética

Por ocasião do 50º aniversário da Organização de Pioneiros da União Soviética, o C.C. do nosso Partido enviou-lhe uma mensagem de saudação de que transcrevemos as seguintes passagens:

«Sob a direcção desvelada do grande Partido de Lénine, com a ajuda fraterna dos seus irmãos mais velhos do Komsomol Leninista, — a Organização dos Pioneiros deu uma notável contribuição para a construção do socialismo na União Soviética, educando gerações sucessivas de crianças e adolescentes no espírito vivo e conseqüente dos ideais do Comunismo, do trabalho criador, do patriotismo so-

cialista, da solidariedade internacionalista.

«Na sua dura e prolongada luta contra o fascismo, os comunistas, os presos políticos e as crianças de Portugal têm recebido inúmeras provas da generosa solidariedade dos jovens pioneiros soviéticos. Do coração vos agradecemos tudo o que tendes feito por nós.» «Tudo faremos para que as crianças portuguesas venham a ter uma vida como a vossa, para que possam amanhã dar-vos livremente as mãos e caminhar convosco, com alegria e audácia, para uma vida bela, sa e feliz».

DELEGAÇÃO DO PCP NA COREIA

No princípio de Junho, a convite do Comité Central do Partido do Trabalho da Coreia, uma delegação do Partido Comunista Português, composta pelos camaradas Alvaro Cunhal, secretário geral, e Manuel Costa, membro do Comité Central, visitou a República Democrática Popular da Coreia.

A delegação, que foi acolhida no aeroporto de Pjong-ang pelo camarada Kim Il, membro do Buro Político e primeiro vice-presidente do Conselho de Ministros, teve um encontro com o camarada Kim Il Sun, secretário geral do PTC e primeiro ministro e realizou conversações com uma delegação composta pelos camaradas Kim Don Kuin, membro do Buro Político e do Secretariado e Kim Ion Nam dirigente da secção internacional do PTC.

As delegações procederam a uma ampla troca de informações e opiniões. O PTC expressou a sua solidariedade para com a luta conduzida pelo PCP e pelo povo português para liquidar a ditadura fascista e conquistar a liberdade e a verdadeira independência nacional. O PCP expressou a sua solidariedade para com a luta conduzida pelo PTC e pelo povo coreano na construção do socialismo, contra as ameaças de agressão imperialista, pela reunifica-

ção pacífica da sua pátria.

A delegação do PCP visitou lugares históricos, uma grande fábrica de construções mecânicas, cooperativas agrícolas, escolas, palácios de crianças, a linha de demarcação e Pamunjon, na zona desmilitarizada. A operada Pjong-ang e os Palácios das Crianças de Pjong-ang e Kesan ofereceram espectáculos em sua honra. Em toda a parte, a delegação do PCP teve um acolhimento extraordinariamente afectuoso.

Na véspera de partir de Pjong-ang, o CC do PTC ofereceu um jantar oficial em honra da delegação. Pronunciaram discursos os camaradas Kim Dong Kuin e Alvaro Cunhal.

A visita, que é a primeira que uma delegação do PCP realiza na RDP da Coreia, constitui um marco no reforço das relações de amizade e cooperação entre o PCP e o PTC.

Rádio Portugal Livre

Transmite diariamente em 3 períodos de emissão. Das 8 às 8,30 em 19, 20, 20,8 e 25 metros. Das 24,20 às 24,50, em 25, 26, 32 e 36 metros. Das 19 às 21 em 19 e 25 metros.

Aos domingos, transmite também das 13 às 13,30 em 19, 20, 25 e 26 metros.

Encontro de delegações do PCP e do PCI

Nos primeiros dias de Junho, uma delegação do Partido Comunista Português, composta pelos camaradas Alvaro Cunhal, secretário geral, Carlos Costa e Manuel Rocha, membros do Comité Central, encontrou-se em Roma com uma delegação do PCI composta pelos camaradas Arturo Colombi, da Direcção, Rudolfo Mechini, do C.C., e Piero Della Seta, da Secção Estrangeira.

As camaradas das duas delegações forneceram reciprocamente informações sobre a situação e sobre as condições actuais da luta política nos respectivos países pela unidade de todas as forças anti-imperialistas na luta pela paz e por uma mais vasta acção de solidariedade com o povo vietnamita, com os povos africanos em luta contra o colonialismo português e com todas as forças que no mundo lutam contra o imperialismo.

Os camaradas da delegação portuguesa informaram também sobre as formas e o desenvolvimento da luta popular pela liquidação da ditadura fascista em Portugal.

Os camaradas italianos, por seu lado, ilustraram os objectivos de luta do PCI por uma no-

va maioria democrática. As duas delegações examinaram também os modos de reforçar e intensificar os laços e as trocas de informação entre os dois partidos. No final das conversações, o camarada Enrico Berlinguer, secretário geral do PCI, teve um encontro com o camarada Alvaro Cunhal e com a delegação do Partido Comunista Português.

SAUDAÇÕES A PARTIDOS IRMÃOS

Em nome dos comunistas e da classe operária de Portugal, o C.C. do P.C.P. enviou as seguintes mensagens de saudação:

Ao XVII CONGRESSO DO P. COMUNISTA DE ISRAEL, desejando grandes êxitos ulteriores na sua «infatigável luta em defesa dos interesses vitais do povo trabalhador de Israel, contra a política agressiva e expansionista do governo e dos meios sionistas, apoiados pelo imperialismo norte-americano, pela justa solução da questão do Médio Oriente, pelos direitos do povo árabe

da Palestina, pelas liberdades democráticas, pelo Socialismo».

Ao C.C. DO P. COMUNISTA DO JAPÃO, por ocasião do 50º aniversário deste Partido irmão, com votos de novos êxitos na sua «luta pelos interesses vitais da classe operária, pela democracia, a verdadeira independência nacional e o socialismo. A mensagem diz a certo passo: «Apesar da distância entre os nossos países, são-nos por isso especialmente próximos certos aspectos da experiência de luta do vosso Partido, que conheceu igualmen-

te longos anos de ilegalidade e dura repressão e que tem de lutar contra o domínio do imperialismo norte-americano e os desígnios expansionistas dos agressivos monopólios nipónicos».

Ao XVI CONGRESSO DO PARTIDO COMUNISTA DA FILÂNDIA desejando grandes sucessos ulteriores na sua «actividade incansável em defesa dos interesses vitais da classe operária e de todo o povo trabalhador da Filândia, pela ampliação da democracia, pela paz e a segurança internacional, pelo socialismo».